

#cm

2

QUINTA-FEIRA

VIDA de INSETO



O VENDEDOR AMBULANTE GREGOR SAMSA ACORDA TRANSFORMADO NUM GIGANTE E REPUGNANTE INSETO E, AINDA ASSIM, PENSA EM SAIR PARA O TRABALHO. “A METAMORFOSE”, NOVELA CLÁSSICA DE FRANZ KAFKA, É ADAPTADA POR JOPA MORAES EM MONTAGEM EM CARTAZ NA FUNDIÇÃO PROGRESSO. PÁGINA 3

‘A Cor Púrpura, o Musical’ encerra temporada no Rio com uma história de resistência que ganhou o mundo

RAFAEL LIMA

Há histórias que não terminam quando as cortinas se fecham. Permanecem na memória, provocam reflexões e encontram novas maneiras de dialogar com o presente. É o que acontece com “A Cor Púrpura, o Musical”, que encerra neste domingo (25) sua quinta temporada no Rio, no Teatro Multiplan, no Shopping VillageMall. A montagem reafirma a atualidade de uma obra que transforma sofrimento em resistência e silenciamento em voz.

No centro dessa jornada está Celie, interpretada por Suzana Santana. Mulher negra no sul dos Estados Unidos da primeira metade do século XX, ela cresce nem meio violento em opressor no qual não havia ‘possibilidades de escolhas. Separada da irmã Nettie, vivida por Lola Borges, e submetida a um casamento com Mister, personagem de Wladimir Pinheiro, Celie precisa percorrer um longo caminho até descobrir que sua existência não se resume

às imposições que lhe foram feitas.

Essa transformação ganha força nos encontros com mulheres que desafiam as regras de seu tempo. Sofia, interpretada por Flávia Santana, e a cantora Shug Avery, vivida por Aline Serra, ajudam a protagonista a reconhecer outras possibilidades de afeto, autonomia e liberdade. E sua história troca a dor e a melancolia pela agradável sensação do recomeço.

Baseado no romance de Alice Walker, publicado em 1982, o musical aborda questões que atravessam gerações: racismo, machismo, abuso de poder e violência contra a mulher. A obra literária rendeu à autora o Prêmio Pulitzer de Ficção, tornando-a a primeira mulher negra a conquistar a distinção. No palco, essas questões ganham corpo e emoção por meio de uma trilha que mistura gospel, blues, jazz e ragtime, acompanhando as diferentes fases da vida de Celie.

A trajetória da obra também passou pelo cinema, em uma adaptação dirigida por Steven Spielberg, em 1985, indicada a 11 Oscars, e chegou à Broadway

Do silêncio à liberdade



Suzana Santana dá vida à protagonista Celie

em formato musical. Em 2015, uma nova produção conquistou o Tony Award de Melhor Revival de Musical, contribuindo para as muitas montagens encenadas mundo afora

Nesta versão brasileira, a direção geral e a concepção original são assinadas por Tadeu Aguiar, responsável por levar o espetáculo aos palcos nacionais em 2019. A montagem reúne 18 atores, 90 figurinos, palco giratório de seis metros e uma estrutura cênica que amplia o impacto visual da encenação. Desde a estreia, acumula mais de 100 prêmios, indicações e honrarias, além de passagens por diferentes cidades do país.

Para Aguiar, a escolha da obra também foi uma decisão artística e humana. O diretor destaca a importância de contar uma história sobre uma mulher que vence, sobre a representatividade negra e feminina e a capacidade de emocionar sem abrir mão do humor.

SERVIÇO

A COR PÚRPURA

Teatro Multiplan (VillageMall - Av. das Américas, 3.900 - Piso SS1 - Barra da Tijuca)
Até 25/10, quinta e sexta (20h), sábado (16h e 20h) e domingo (15h30 e 19h30)
Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 360

Mulheres com muito a dizer

‘Palavras de Mulher’ promove encontro entre Clarice Lispector, Hilda Hilst, Carmen da Silva e Eneida de Moraes

O Teatro Gláucio Gill, em Copacabana, recebe até o dia 30 “Palavras de Mulher”, espetáculo que imagina um encontro entre Clarice Lispector, Hilda Hilst, Carmen da Silva e Eneida de Moraes. Nesse encontro impossível as quatro escritoras já mortas se reúnem numa “Biblioteca do Paraíso” para conversar sobre infância, juventude, maturidade e finitude.

O texto e a trilha sonora são da escritora e poeta Rachel Gutiérrez, e a direção artística é de Sergio Fonta, ator e presidente da Academia Carioca de Letras.

No palco, Laura Proença interpreta Clarice Lispector; Helga Ne-

metik vive Hilda Hilst; Beth Lamas representa Carmen da Silva; e Izabella Bicalho assume Eneida de Moraes. Em temporadas anteriores, Carmen pertencia a Stella Maria Rodrigues — a passagem pelo Gláucio Gill marca a estreia de Beth Lamas na montagem.

A escolha das quatro figuras permite mapear experiências literárias e públicas diferentes. Clarice Lispector construiu uma obra marcada pela investigação da subjetividade; Hilda Hilst transitou pela poesia, pela ficção e pelo teatro; Carmen da Silva atuou como escritora e jornalista; Eneida de Moraes teve trajetória



‘Palavras de Mulher’ repune quatro cabeças pensantes numa reflexão sobre o universo feminino

ligada à literatura, ao jornalismo e à militância. As personagens revisitam, na biblioteca imaginária, suas vidas e seus trabalhos.

“Elas já não habitam o nosso

mundo. No entanto, habitam para sempre o nosso universo de ideias, sentimentos, conhecimentos e emoções”, destaca Fonta cuja direção de Fonta integra elementos presenciais e virtuais. Os figurinos de época são de Wanderley Gomes, e a seleção musical de Gutiérrez passa por Claude Debussy e Chiquinha Gonzaga.

SERVIÇO

PALAVRAS DE MULHER

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)
Até 30/10*, quintas e sextas (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia). *Acessibilidade em todas as sessões: Libras, audiodescrição e equipe de atendimento a pessoas com deficiência física ou cognitiva



Transformado em um inseto gigante, o vendedor Gregor Samsa deixa de ser um elemento produtivo em sua família

A radiografia de uma exclusão

‘A Metamorfose’, de Kafka, ganha adaptação do Anêmona Teatro que leva ao palco reflexões sobre a utilidade (ou não) de quem nada oferece à sociedade

AFFONSO NUNES

Após temorada no CCBB RJ, o Espaço Armazém, da Fundação Progresso, recebe “A Metamorfose”, criação do Anêmona Teatro a partir da novela mais célebre de Franz Kafka, publicada em 1915. A adaptação, escrita e dirigida por Jopa Moraes, nos coloca diante da sensacionalista história de Gregor Samsa, um vendedor ambulante que acorda transformado em um enorme e repulsivo inseto cujo primeiro pensamento não é o espanto com a situação insólita, mas a preocupação com o horário de trabalho.

Através desta metáfora, Kafka descreve o que há de perturbador na existência moderna. E é essa ló-

gica que a adaptação do Anêmona adota no palco: aberta a narração em terceira pessoa, a dramaturgia de Jopa dramatiza os acontecimentos da novela, potencializa as demais personagens e constrói ações físicas que dão contorno aos seus dilemas. Mantendo-se fiel à ordem dos acontecimentos da trama, a montagem ressalta o horror e o humor desconcertante de Kafka, tantas vezes escondidos atrás da fachada austera.

A história é a de uma família tentando sobreviver e se manter unida perante uma irremediável metamorfose. Há carinho pelo jovem, principalmente da irmã mais nova, mas há também a constante e crescente sensação de mal-estar com sua presença. Para o pai, a mãe e a irmã, a conta não fecha: sem o dinheiro que ele trazia para a mesa, o esforço para manter viva e segura a colos-

sal barata que agora é Gregor vai pouco a pouco deixando de fazer sentido. O curioso é que, antes da transformação, quase não parava em casa — passava o tempo em trânsito em viagens de trabalho.

Em tempos em que se debate no Brasil as consequências da escala 6x1, a história ganha contornos novos. Afinal, quando Gregor acorda de sonhos intranquilos, o primeiro pensamento que cruza sua mente é que precisa ir trabalhar, mesmo sem saber comandar corretamente as patas. Aqui Kafka expõe a cruel constatação de que para o jovem vendedor ambulante não existe, nem existirá, vida além do trabalho.

No jogo cênico proposto por Jopa, o palco é terreno de materialização das imagens perturbadoras criadas pelo escritor de Praga. Através de um figurino que mistura indumentária e manipulação de bonecos, concebido por Dimi Rumbelsperger e construído pelo aderecista Alex Grilli, o monstruoso inseto aparece de forma concreta aos olhos do público.

“Tudo o que sabemos sobre Gregor Samsa antes de sua transformação é que era um sujeito vivendo sob imensa pressão financeira e afetiva. Trabalhando de sol

“Cada um de nós pode sim ser uma praga na visão de uma ou de muitas pessoas”

JOPA MORAES

a sol, quase sem descanso, para sustentar sozinho uma família de quatro pessoas”, destaca o encenador.

Jopa comenta ainda que no texto original há pistas de que Gregor seja um sujeito doce vivendo em um mundo profundamente hostil.

“No entanto, Kafka mesmo não se interessa em explicar se há ou não conexão entre a situação pregressa da personagem e sua nova forma de inseto. Aos leitores e espectadores resta especular, e, mais do que isso, conviver com a sensação incômoda de que aquele inseto, aquela barata gigante também é gente como a gente. Por isso era tão importante pra gente materializar o inseto em cena sem

enfeite nenhum”, acrescenta.

Vivido por Vitor Schei, explorando a gama do arsenal físico do ator, o espetáculo expõe a rotina perturbadora de Gregor, descobrindo como habitar sua nova carapaça. O choque recebido pela família — Larissa de Paula, Nayane Ficher e Rafael Nasária — aparece sem enfeite nenhum, fugindo dos simbolismos que aproximariam a história de um melodrama. A direção musical é de Gustavo Gomes; a iluminação e a cenografia, do próprio diretor.

O verdadeiro julgamento, porém, se dá na cabeça de cada espectador que, presenciando as escolhas impossíveis a que as personagens são obrigadas, talvez possa se perguntar, como sugere Clarice Lispector: “eu sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” Até onde alguém se transforma e permanece sendo quem é? Por quanto tempo se pode amar alguém que não dá nada em troca? “Cada um de nós pode sim ser uma praga na visão de uma ou de muitas pessoas”, afirma Jopa.

SERVIÇO

A METAMORFOSE

Espaço Armazém Cia. de Teatro (Fundação Progresso - Rua dos Arcos, 24, Lapa) Até 15/11, quinta a sábado* (19h30) e domingos** (19h) *exceto 31/10 (18h30), 1/11 (19h30) e 26/10 (19h30)

**Sem apresentação em 25/10 Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ENTREVISTA | **SABRINA FIDALGO**

CINEASTA E ESCRITORA

‘Sentir culpa não significa abrir mão de privilégios’

Divulgação

*‘O Projeto’ está na grade da Mostra de São Paulo afirmando a potência antirracista da diretora de ‘Alfazema’***RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

Convite ao desmanche da lógica preconceituosa que fez do racismo um dos pavimentos do colonialismo, “O Projeto” abre as telas da Mostra de São Paulo, nesta quinta-feira, para uma das diretoras mais corajosas da América Latina no combate à microfísica da intolerância: Sabrina Fidalgo. Uma imagem icônica – ela própria, com um pregador no nariz, para afinar os traços de sua herança ancestral africana, em prol de um histórico de embranquecimento da população preta deste país – vem imortalizando esse documentário desde sua primeira projeção oficial: em agosto no Festival de Gramado.

Qual lava vulcânica, o debate gerado pela realizadora de “Alfazema” (2019) e seu parceiro, o fotógrafo suíço Yvan Rodic (chamado Face Hunter), faz arder temperaturas de qualquer sala de projeção onde é exibido ao expor ranços escravocratas... e não só os do Brasil. É um road .doc no qual Sabrina escuta, registra e inflama. Quem estiver esta noite em solo paulistano pode conferir a força de “O Projeto” no Espaço Petrobras 2, às 21h10. Passa outra vez no dia 27, às 17h40, no Cinesystem Frei Caneca 2.

De que forma “O Projeto” desafia o cânone da representação do racismo no cinema, pois, mais do que flagrar práticas racistas, seu filme mostra como a intolerância se disfarça para poder se perpetuar?

Sabrina Fidalgo - Acho que o deslocamento fundamental de “O Projeto” está no objeto de estudo: a branquitude. Mais do que falar sobre a experiência do racismo vivida

por pessoas pretas e outras populações racializadas, o filme observa a culpa, as fragilidades, as contradições e a mentalidade dos herdeiros de um sistema que inventou a hierarquia racial para justificar seus próprios privilégios. Um projeto de mundo construído em benefício de alguns, à custa da exploração de outros e da destruição de outras possibilidades de existência. Quem costuma observar passa a ser observado. Interessa entender como

essas pessoas se relacionam com o que herdaram, o que conseguem reconhecer e o que continuam reproduzindo, inclusive quando se consideram esclarecidas ou bem-intencionadas. A culpa pode aparecer, mas sentir culpa não significa abrir mão de privilégios.

De que maneira o desenho de viagem que você traça no filme foi se estruturando no roteiro?

Num primeiro momento, esse desenho nasceu das possibilidades logísticas que surgiam no coração da pandemia. A primeira viagem aconteceu no final de 2020, numa pequena brecha em que conseguimos atravessar o oceano. Viajávamos de máscara, fazendo testes a cada conexão nos aeroportos, em pleno inverno europeu. Filmamos em Vevey e St. Gallen, na Suíça, e depois seguimos para Berlim. Lembro de chegarmos... e irmos a um bar em Kreuzberg, tomar Glühwein na rua... num frio abaixo de zero. Era dezembro, e as pessoas estavam animadas com a possibilidade de sair de casa e voltar a se encontrar. Nós, que tínhamos cruzado o oceano para filmar, estávamos mais animados ainda. No dia

seguinte veio a notícia de um novo confinamento. Foram momentos muito difíceis, e essa instabilidade atravessou a construção do filme. O roteiro foi ganhando corpo no encontro entre aquilo que queríamos investigar e aquilo que o mundo nos permitia fazer.

Qual foi a maior descoberta sobre a prática do racismo que o filme te trouxe?

Eu começaria questionando a ideia de “prática do racismo”, porque ela pode dar a impressão de que estamos falando apenas de atos pontuais, identificáveis, cometidos por determinadas pessoas. O racismo também é uma maneira de ver e organizar o mundo, transmitida de geração em geração. Está naquilo que se aprende a reconhecer como bonito, competente, civilizado, confiável ou digno de ocupar uma posição de poder. A hierarquia racial que sustenta esse sistema foi construída pelo projeto colonial europeu para legitimar a exploração, a escravização e a morte. E ela não desaparece quando alguém se declara contrário ao racismo. É preciso um trabalho constante de percepção e desmantelamento, sobretudo por parte de quem herdou

as vantagens dessa estrutura. Na América Latina, isso ganha contornos muito particulares. Não somos a Europa, mas continuamos distribuindo oportunidades, prestígio e legitimidade segundo marcadores coloniais de cor, fenótipo, origem e patrimônio. Até os padrões de beleza merecem ser interrogados.

O que você descobriu de mais inusitado sobre sua própria identidade como mulher preta?

Quanto a mim, a descoberta foi afirmar minha liberdade de existir como indivíduo. Sou uma mulher preta, e isso atravessa minha experiência, mas quero ser livre para fazer o que desejo, criar, me contradizer, experimentar. Quero poder me colocar no mundo sem que raça e gênero funcionem como um roteiro prévio do que esperam de mim. Minha identidade também está nessa liberdade.

De que maneira o cinema brasileiro feito por populações pretas hoje dribla o racismo?

A gente dribla o racismo o tempo inteiro, inclusive depois que o filme está pronto. A disputa continua na circulação, na crítica, nos festivais, na distribuição e na construção da memória do cinema brasileiro. Fazer um filme não significa que ele será reconhecido como parte dessa História. Outro dia vi uma publicação de uma revista independente de esquerda, uma revista que considero ótima, sobre cinema brasileiro. Os filmes destacados eram quase todos de diretores brancos. Havia um único homem preto. Essas escolhas também constroem um imaginário sobre quem produz pensamento e linguagem no país. É essa naturalização que me incomoda. O modelo colonial pode continuar funcionando sob uma roupagem progressista.

Em que caminhos está o seu primeiro longa de ficção?

Meu primeiro longa de ficção é “Karnaval”, uma coprodução da Coqueirão Pictures, Fidalgo Produções e Gullane, com distribuição da Gullane+. Estamos trabalhando no desenvolvimento e na estruturação financeira do projeto, buscando também parcerias internacionais. É uma etapa de aprofundar o roteiro e reunir as condições artísticas e de produção para realizar o filme com a força que ele pede. Tenho muito desejo de fazer esse longa. A ficção já faz parte da minha trajetória nos curtas e médias, e “Karnaval” é a oportunidade de ampliar essa experiência numa outra escala, com toda a liberdade de criação que venho buscando no meu cinema.



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Estrela principal do internacionalmente badalado “Vicentina Pede Desculpas” (em cartaz em SP nesta quinta, às 17h, no Reserva Cultural), a mineira Rejane Faria abriu o ano nas telas da Holanda, no Festival de Roterdã, unindo forças à potiguar Tânia Maria, a Dona Sebastiana de “O Agente Secreto” (2025), num esplendoroso exercício de nosso cinema por veredas sci-fi: “Yellow Cake”.

O título pode ser associado ao cuscuz, mas, na abordagem de seu realizador, Tiago Melo (“Azougue Nazaré”), não espere significados de tradução ou definição imediatos, pois tudo em cena caminha pelo mistério. Quem passar por sua projeção, esta noite, às 18h40, no Cinesystem Frei Caneca 1, na 50ª edição da Mostra de SP, vai embarcar numa jornada que passa pela ciência, pela corrupção política, por radiação, por um tipo exótico de dengue e por formas variadas de desejo.

“Não sei quando ouvi falar em dengue pela primeira vez, mas acho que, desde quando nasci e aprendi a falar ‘cadeira’... ‘mesa’... ‘comida’, a palavra ‘mosquito’ faz parte da minha vida. Até no programa da Xuxa tinha a personagem da Dengue. Nós somos de Recife. Lá, os casos (de contaminação por Aedes aegypti) eram muitos”, explicou Tiago, ao Correio da Manhã, numa conversa via Zoom de Roterdã, ao lado da produtora Carol Ferreira. “Mosquito é um bicho que tem

Zumbidos do mistério e da ciência

Sensação de Roterdã, ‘Yellow Cake’ flana pela grade da maratona paulistana nesta quinta, com Rejane Faria e a aclamada Dona Tânia Maria



Rejane Faria é a cientista que investiga um contágio nuclear em ‘Yellow Cake’

Divulgação

vários nomes. Em Recife, chama-se muriçoca; no Acre, carapanã. Essa coisa das doenças que ele transmite é assustadora. Daí a premissa: e se ele comesse a transmitir radiação?

E se ele pudesse se adaptar acima da linha do Equador?”

Projetado em Roterdã na seção competitiva Tiger, “Yellow Cake” fez barulhinho dos bons nas asas

de uma criatura que faz dessa ficção científica nordestina um “filme de monstro”: o Aedes aegypti. A pica-da do mosquito que assombra a trama carrega uma praga atômica. Am-

bientado no município de Picuí, na região da Borborema, no Seridó Oriental paraibano, e falado parcialmente em Inglês, o longa-metragem transborda tensão ao explorar um dos lados mais perigosos da mineração: o risco de contágio por elementos radioativos. Minérios como tântalo, nióbio e (sobretudo) urânio estão no foco da investigação de Rúbia Ribeiro (Rejane Faria), uma cientista nuclear envolvida em um projeto secreto para erradicar o Aedes aegypti utilizando a riqueza mineral da região. Agentes dos EUA, mosquitos famintos e conflitos políticos estão no leito desse rio de brasilidade cristalina, onde Dona Rita (Tânia Maria) é interlocutora de Rúbia e alvo dos monstros que zumbem.

“Quis fazer um filme onde a Ciência fosse protagonizada por uma mulher brasileira preta, do Nordeste. Nosso saber científico, absurdamente, é sempre colocado como algo menor. Basta aparecer um pesquisador estrangeiro que ele será mais valorizado. O governo aceita um projeto nuclear controverso de um cientista estrangeiro apenas porque ele é americano. Isso é assustador”, explica Tiago, lembrando que Tânia Maria vive a 15 minutos de Picuí. “Sempre quis tê-la para o elenco, por ela ser do local. E rodamos a primeira fase da filmagem em 2022, antes de ela ter feito ‘O Agente Secreto’. Grande atriz, ela ensaia muito. Vive o processo todo”.

Na conta de Carol Ferreira, a gestação de “Yellow Cake”, entre financiamento e realização, levou uma década: “É um projeto de R\$ 3,3 milhões, captado em editais pequenos, sem os quais não existiríamos. É um filme de baixo orçamento que só existe pela destreza da produção”, diz Carol, que leva “Yellow Cake” à Mostra de novo no dia 27, no Cine Tutu, 18h30.

DICAS DE TERÇA

POR **RODRIGO FONSECA**



Divulgação

BUTTERFLY JAM, de Kantemir Balagov (França/EUA): O diretor de “Uma Mulher Alta” (“Beanpole”, 2019) segue os passos de Pyteh (Talha Akgodan), um adolescente eslavo de 16 anos, que vive em Newark, na Costa Leste dos EUA, e divide a vida entre os treinos de luta livre e o restaurante da família, que atravessa dificuldades financeiras. Quando o pai, interpretado por Barry Keoghan, toma uma decisão impulsiva, o rapaz é forçado a confrontar-se com o crime. Onde e quando: Cultura Artística, 12h.



Divulgação

FRÁGIL COMO O MUNDO, de Rita Azevedo Gomes (Portugal): Vera e João são dois jovens que se amam, mas têm o tempo contra si. O desejo de estarem juntos os obriga, em uma espécie de jogo infantil, a fugir dos amigos, de casa, das pessoas e do mundo. Isolados em uma floresta, fazem um pacto para nunca se separarem. Um dia, Vera adoce. Se João não pode deixá-la, também não pode evitar a necessidade de pedir ajuda. A fé inabalável no amor dos dois está prestes a se quebrar. Onde e quando: IMS, 14h.



Divulgação

O FOGO QUE VOCÊ CARREGA (“Il Fuoco Che Ti Porti Dentro”), de Edoardo De Angelis (Itália): Eis o trabalho mais maduro do realizador de “Comandante” (2023). Antonio (Lino Musella) construiu uma vida de sucesso em Milão, longe de sua mãe excessiva, Angela (Vanessa Dcalera). Ela chega para o Natal, transformando a ceia em celebração ao nascimento de Jesus em um campo de batalha emocional que revela mal-entendidos do passado e transforma laços. Onde e quando: Cinesystem Frei Caneca, 21h25.

ABRE-ALAS DO CORREIO

PARAÍSO DO TUIUTI

A casa onde o samba aprendeu a entrar

Com Renato Lage no comando e Tia Ciata de enredo, o Tuiuti vai à Sapucaí contar a história da mulher precursora do samba carioca



Tuiuti será a terceira escola a desfilar no domingo de Carnaval

FRED SOARES
Especial para o Correio da Manhã

N a casa da Tia Ciata, a música mudava de sala. Na da frente, a das visitas de cerimônia, tocavam valsa e choro. Nos fundos, o samba de partido corria solto. No quintal, o candomblé tinha o seu tempo e o seu respeito. Conta a tradição que foi entre aquelas paredes, perto da Praça Onze, que “Pelo Telefone” ganhou corpo antes de virar o primeiro grande sucesso do gênero. Uma casa, três mundos, e uma dona que sabia onde cada um devia sentar.

Hilária Batista de Almeida nasceu em 1854, em Santo Amaro, no Recôncavo Baiano. Ajudou a fundar a Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, foi iniciada no candomblé e, aos 22 anos, veio para o Rio. Casou com João Baptista da Silva, teve 14 filhos e se instalou na zona portuária, a vizinhança que Heitor dos Prazeres chamaria de Pequena África. Fazia doces de tabuleiro, vestida de baiana, e era mãe-pequena na casa de João Alabá. Respeitada nos terreiros e disputada nos salões, virou Tia Ciata sem pedir licença a ninguém.

A cidade, claro, não retribuiu a hosi-

talidade. O Bota-Abaixo de Pereira Passos empurrou os pretos para os morros e para a periferia, e a Pequena África foi encolhendo até caber só na memória. Ciata morreu em 1924. O samba, que ela havia ajudado a abrigar quando ninguém o queria na sala, sobreviveu à demolição e, oito anos depois, desfilava na própria Praça Onze, já com nome de escola de samba.

É essa história que o Paraíso do Tuiuti leva em 2027, com o enredo “Ciata: a mãe preta do samba”. A escola de São Cristóvão foi a primeira do Grupo Especial a revelar o tema, em março de 2026, e a justificativa do presidente Renato Thor tem a simplicidade das coisas verdadeiras: “A Tia Ciata sempre foi citada em desfiles, mas ainda não teve a sua história contada.” A pesquisa é de Luiz Antonio Simas e Claudio Russo, a mesma dupla que, com Gustavo Clarão, assina o samba, apresentado em 31 de julho na Cidade do Samba.

Quem vai transformar tudo isso em fantasias e alegorias é Renato Lage, dono de quatro títulos do Grupo Especial (três pela Mocidade e um pelo Salgueiro) e nome de peso da estética futurista que mudou a Avenida nos anos 1990. Dele é o “Criador e criatura”, de 1996, que ainda se cita quando alguém quer provar que alegoria também

sabe pensar. Estreia no Tuiuti. A aposta é curiosa e promissora: um artista da luz, do metal e do movimento diante de uma matéria-prima de tabuleiro, de terreiro e de gente.

A bisneta de Ciata, Gracy Mary Moreira, que esteve na festa do samba, resumiu o espírito: “Foi bem pensado, de explorar o quanto a Tia Ciata fez pelo nosso povo.”

O Tuiuti se apresenta como o “Quilombo do Samba”, e tem currículo para sustentar o apelido. Em 2018, com “Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?”, foi vice-campeão por um décimo e fez do desfile um dos mais comentados da década. De lá para cá, manteve o rumo: pôs no centro da pista o Almirante Negro, João Cândido, depois Xica Manicongo e, em 2026, a espiritualidade cubana de “Lonã Ifá Lukumi”. Título do Especial, porém, nunca veio, e a escola terminou o último desfile em nono lugar. Agora chega com samba novo, mestre-sala e porta-bandeira novos (Vinicius Antunes e Rebeca Tito), comissão de frente de Marlon Cruz e Pixulé no microfone.

O Tuiuti entra na Sapucaí como terceira escola do domingo, 7 de fevereiro, com a casa de Ciata inteira nas costas: a sala, os fundos e o quintal. Quem cruzava o portão dela não saía igual, e o samba é a prova. Que a Avenida se prepare para ser visita.

SÉRIE ESPECIAL DOS ENREDOS DE 2027



FICHA TÉCNICA

- ESCOLA:** G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti
- FUNDAÇÃO:** 5 de abril de 1952
- PRESIDENTE:** Renato Thor (Renato Ribeiro Marins)
- PRESIDENTE DE HONRA:** Jorge Honorato
- ENREDO:** “Ciata: a mãe preta do samba”
- DESFILE:** domingo, 7 de fevereiro de 2027 (3ª escola da noite)
- CARNAVALESCO:** Renato Lage
- ENREDISTAS:** Luiz Antonio Simas e Claudio Russo
- DIRETORES DE CARNAVAL:** Ronnan Marins e Júlio César Garcia
- INTÉRPRETE:** Pixulé
- MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA:** Vinicius Antunes e Rebeca Tito
- BATERIA:** Mestre Marcão
- RAINHA DE BATERIA:** Mayara Lima
- COMISSÃO DE FRENTE:** Marlon Cruz

SAMBA-ENREDO

- COMPOSITORES:** Claudio Russo, Gustavo Clarão e Luiz Antonio Simas
- Brilhou no meu olhar o espelho de Oxum
Cantou o primeiro galo na tez da manhã
Rezei pro infinito Olorum
Ao sabor do Omolokum
Na batida do Ogã
Sou mandingueira da velha Bahia
Da Gamboa à Saúde rodei no terreiro
Saberes que não vão pra academia
Meu filho, sobram no meu tabuleiro
Poeira sobe, o cenário muda
Deus nos acuda, do Bota-Abaixo
Que esta cidade não se meta à francesa
Ela é preta na beleza até a raspa do tacho
- Bota dendê, bota dendê, camará
No caruru do erê
No acarajé de Oyá
Quem vai querer? Quem vai querer? Camará
Um mugunzá de colher
Doce de coco e manjar
- Na esquina do Ouvidor
Um apontador vai rabiscar
A justa enquadrrou uma yã do Alabá
Pro Chefe da folia e do choro
Carnaval é Rei de Ouros
Candomblé é resistência
O batente acabou eu vou
Tentar salvar a Excelência
Nesse terreiro de macumbeiros, artistas
Poetas e jornalistas, ó gente bamba
Sou de massemba, Yabassê
Tia Ciata
Mãe baiana do Tuiuti e do samba
- Sou Yalodê, Yalodê Orô
Sou Yalodê, Yalodê Orô
Firmo ponto riscado
Meu quilombo chegou
Firmo ponto riscado
O Quilombo do Samba chegou

O sertão ressignificado

Cantora sergipana Héloa apresenta canções de ‘Árida’, seu 4º álbum, trabalho em que rabeca, pífano e djembê encontram beats e samples

AFFONSO NUNES

A cantora, compositora e pesquisadora sergipana Héloa chega ao Sesc Ramos nesta quinta-feira (22), às 19h, para apresentar no Sesc Ramos o show “Árida”, quarto álbum de sua carreira, lançado em 8 de outubro pelo selo Aláfia Cultural em parceria com a YB Music. Com mais de 15 anos de carreira artística, seu trabalho transita pela música, artes visuais e cinema, destacando-se pela forte exaltação de suas ancestralidades.

Nas 11 faixas, o pífano e o djembê dividem terreno com samplers e beats eletrônicos, com a rabeca, a viola e o pandeiro, numa arquitetura de sons construída a partir da Caatinga e do semiárido. O trabalho se revela em torno das matrizes africanas, indígenas e árabes que atravessam a formação cultural do Nordeste, com o que a artista chama



Nas apresentações de Árida, Héloa veste um manto inspirado em Artur Bispo do Rosário

de “tecnologia ancestral, abundância cultural e potência criativa”.

Nele forró, baião, rojão, repente, embolada, coco, xaxado, samba de roda, afrobeat, reggae e rap se cruzam sem a obrigação de servir a uma

cartilha regionalista.

O disco consolida quinze anos de carreira da multiartista afro-indígena, que estreou em disco em 2016, com “Eu”, e soma ainda dois EPs, um DVD e um documentário.

A capa, fotografada na Ilha do Ferro, em Alagoas, traz o Manto Árida, peça confeccionada à mão pelo estilista sergipano Althair Santo a partir de uma conversa com o “Manto da Apresentação”, de Ar-

thur Bispo do Rosário. A roupa integra a identidade de um projeto em que território, memória e vestimenta têm a mesma importância das canções.

Produzido por Yuri Queiroga, que divide com Héloa a direção musical, o álbum reúne participações de Luedji Luna, Mestrinho, Jorge Du Peixe, Tiganá Santana, Maestro Spok, Souto MC, Liu Kid, da angolana Jéssica Areias e do grupo Sabuká Kariri-Xocó. Sete das faixas são assinadas pela própria Héloa. O repertório inclui ainda leituras de “Flor de Mandacaru”, de Chico César, “Charles Ilê”, de Carlinhos Brown, e “De Amor Eu Morrerei”, de Dominginhos e Anastácia.

O disco foi antecipado em setembro pelo single “Dança N’kisi Dança”, gravada com Luedji Luna e Liu Kid. Depois, “Flor de Mandacaru” virou faixa de trabalho em encontro com Mestrinho, e “Acenda Essa Fogueira” ganhou clipe na aldeia Kariri-Xocó, com Sabuká Kariri-Xocó e Souto MC.

O show passou pelo Centro Cultural São Paulo e pelo Sesc Copacabana. A agenda segue no Sesc Nova Iguaçu nesta sexta (23) e no Sesc Quitandinha, em Petrópolis, no sábado (24); em 30 de outubro e 6 de novembro, Héloa integra o Rock the Mountain, em Itaipava.

SERVIÇO

HÉLOA - ÁRIDA

Sesc Ramos (Rua Teixeira Franco, 38, Ramos)
22/10, às 19h
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Biafra celebra aniversário no Rival Petrobras

Com quase cinco décadas de carreira, Biafra comemora aniversário no palco no Teatro Rival Petrobras, nesta quinta-feira, às 19h30. O repertório reúne os maiores sucessos do cantor e compositor como “Sonho de Ícaro”, “Leão ferido”, “Helena” e “Seu nome”, canções que atravessaram novelas e rádio desde os anos 1980. O repertório que também inclui outros momentos de sua discografia. A partir de R\$ 50.



Lívio Nunes/Divulgação

Islan segue o curso do Pajeú no BNDES

Cantor, compositor, poeta e rabqueiro de São José do Egito, em Pernambuco, Islan apresenta “Canção Caminho” no Quintas no BNDES, às 19h. O show toma o rio Pajeú como imagem de travessia e reúne canções do primeiro EP do artista e composições inéditas, entre baião, maracatu, ijexá, rock e reggae. Islan toca rabeca, viola dinâmica e canta, acompanhado por sanfona, baixo, bateria e percussão. Grátis.



Cláudia Dalla Nora/Divulgação

Água de Moringa revisita Radamés

No ano do centenário de Moacir Santos, o sexteto Água de Moringa chega à Casa do Choro com “Moacir Santos e seus mestres”, às 19h. O concerto aproxima o compositor de Radamés Gnattali e Guerra-Peixe, professores decisivos em sua formação no ambiente da Rádio Nacional dos anos 1950.



Divulgação

Àiyé recebe convidados no Audio Rebel

Àiyé ocupa a Audio Rebel às 20h desta quinta-feira (22) para um show-experimento de canções revisitadas, versões inéditas e improvisos. A artista estará com Bruno Qual (samplers, botões e voz), Erick Ferreira (baixo) e Léo Dias (tambores e voz), além de convidados anunciados como surpresa. R\$ 35



Divulgação

SÓ CARIOQUICES

por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Divulgação



Benito di Paula enriqueceu a sonoridade do samba através de seu piano e tonou-se um artista de enorme alcance popular nos anos 1970 e 1980

O gênio que o Brasil não quis enxergar

Benito di Paula morreu no domingo, e desde então carregou uma pergunta atravessada na garganta: por que foi preciso ele partir para tanta gente lembrar de dizer que ele era bom?

Benito foi um gênio injustiçado. Escrevo assim, sem rodeio, porque rodeio já houve demais. Nos anos 1970, vendeu discos como pouquíssimos neste país. Ronnie Von contou que dividia o mesmo empresário, Marcos Lázaro, com Elis Regina, Roberto Carlos e Benito. O show mais caro da turma era o de Benito. O mais vendido também.

E o Rio tem parte nisso. Antes da fama, Benito morou no Morro da Formiga, na Tijuca, terra de sambista, e foi andarilho de Copacabana, varando madrugadas de boate em boate atrás de um piano e de um cachê. Aprendeu ali o que conservatório nenhum ensina.

Mesmo assim, a crítica sempre o olhou de esguelha. Dizia que ele levava para o samba um piano e

umas harmonias sem nada a ver com a essência do gênero. Apelidaram sua música de “samba-joia”, com a boca torta. Benito respondeu compondo. “Osso Duro de Roer” é o recado de quem não ia mudar para agradar ninguém.

Mas que essência é essa que o samba teria de guardar intocada? O samba é o gênero mais generoso que o Brasil inventou. Virou samba-canção nas boates, samba-enredo na avenida, samba de breque na voz de Moreira da Silva, partido-alto nos quintais, samba-rock com Jorge Ben, pagode debaixo da tamarineira do Cacique de Ramos. E virou bossa nova, quando Tom Jobim e João Gilberto encheram o samba de acordes vindos do jazz. A bossa foi chamada de revolução. Benito, que fez algo da mesma família a partir da noite e do povão, foi chamado de cafona.

O problema nunca foi o piano. Era o público.

A crítica brasileira, de música, de literatura, de cinema, tem o velho cacoete de desconfiar do que é popular. Trata o sucesso de mas-

A crítica brasileira, de música, de literatura, de cinema, tem o velho cacoete de desconfiar do que é popular. Trata o sucesso de massa como sinônimo de coisa chula. Quase nunca é

sa como sinônimo de coisa chula. Quase nunca é. Esse olhar é o reflexo de uma elite que sempre trabalhou para rebaixar o que vem de baixo, mesmo quando o que vem de baixo tem qualidade de sobra. Benito sentiu isso na carne.

E qualidade não faltava. Era afinadíssimo. Fazia melodias que grudam na memória, como “Retalhos de Cetim” e “Charlie Brown”. Era uma fera ao piano, um pianeiro - como ele mesmo se definia - que botou sétimas e nonas para sambar. Sua obra trazia a malandragem, a malícia e a ginga típicas do samba carioca, só que de terno, anel e piano de cauda. Acima de tudo, tinha o que faz de um artista um artista: tocava o coração das pessoas. De milhões delas.

A prova da injustiça está nas estantes. Benito quase não aparece nas pesquisas acadêmicas sobre a música popular brasileira. Eu, sinceramente, desconheço um livro que conte a vida dele. Um homem que cantou para o país inteiro, e o país letrado não se deu ao trabalho de escrevê-lo.

Que a morte, que nunca chega na hora certa, sirva ao menos para reparar. Antes tarde do que nunca.

Benito ergueu a “Bandeira do Samba”. Este colunista, daqui, levanta outra: a da justiça a um gigante da música popular brasileira. E não pretende baixá-la tão cedo. Aprendi com o próprio Benito que certas causas, como certos homens, são osso duro de roer.